

Como o retuíte mata a democracia

Pedro Doria

22/04/2022

link: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaio/post/como-o-retuite-mata-democracia.html>

O problema da interação entre as plataformas digitais e a democracia anda por nossas conversas há alguns anos e não vai embora tão cedo. Quase sempre, nossa discussão o trata como algo que tem de ser resolvido ou pela Justiça ou por legislação — novas leis e regulamentações. Mas a questão vai além: não temos ainda explicações boas o suficiente sobre a natureza do problema e sobre como adaptamos as ideias de liberdade e democracia de dois ou três séculos atrás à nova realidade. Nos falta ainda muita reflexão, aquele trabalho mais lento feito por cientistas sociais e filósofos. Nos últimos dias, saiu na revista *The Atlantic* um artigo do psicólogo social Jonathan Haidt que avança alguns passos nessa reflexão.

Haidt é professor da Universidade de Nova York e autor de um livro excepcional sobre o problema da polarização política, lançado no Brasil: “A mente moralista”. Ele propõe agora que a história da Torre de Babel pode nos ajudar a compreender o lugar em que nos metemos. Seu argumento é que não nos tribalizamos, como muitos sugerem. Nossas sociedades se fragmentaram. “Estamos nos transformando em dois países diferentes”, ele escreve a respeito dos Estados Unidos. “Com duas versões distintas da Constituição, duas economias, duas histórias americanas.”

O mesmo se dá no Brasil. Temos três ou quatro histórias que contamos a respeito do que se passou aqui nos últimos dez anos. Histórias incompatíveis umas com as outras, em alguns casos francamente antagônicas, que terminam por levar a compreensões tão radicalmente diferentes da realidade que qualquer conversa se torna impossível. Não é que discordemos das soluções propostas para os problemas. Não concordamos a respeito dos problemas. Não temos acordo, sequer, a respeito de como se define um problema.

O mais grave da situação é que a maioria não percebe, quando se engaja numa conversa com alguém de outro grupo, que o diálogo parte de visões diferentes do que constitui a própria realidade. O que é óbvio para um é absurdo para o outro.

Haidt põe o marco zero da transformação em 2009. Até lá, o que víamos em nossas redes sociais era a lista cronológica do que publicavam aqueles que escolhíamos seguir. Eram ferramentas de conexão entre pessoas. Naquele ano, o Twitter incluiu o botão de retuíte, para compartilhar. E o Facebook criou o botão like, o joinha, ou curtir. Em pouco tempo, ambas as redes tinham as duas funções. O número de curtidas e a possibilidade de viralizar logo se tornaram um valor, a medida pela qual se avalia a importância de alguém na internet social.

Assim, as ferramentas deixaram de servir para conexões. Tornaram-se palco para performances. Estar constantemente acenando que se tem os valores certos e puros para o próprio grupo se tornou a motivação diária na comunicação. Esse novo jogo estimulou, com o tempo, desonestidade e comportamento de manada. “Essas plataformas foram quase perfeitamente desenhadas para trazer à tona nosso moralismo e enterrar nossa capacidade de reflexão.”

Democracias se sustentam nas instituições em que a comunidade confia e nas histórias coletivas que contamos sobre por que formamos uma só nação. Quando nos partimos em grupos que deixam de ter uma história comum, deixamos de nos ver como povo único e interpretamos a ação das instituições de forma tão diferente que perdemos a confiança nelas. A democracia perde a base que a sustenta.